

Solfejo de Eros - Poesia Noturna

Solfejo de Eros – Poesia Noturna

“A poesia abre os olhos, cala a boca e estremece a alma.” Para Patativa, com afeto. Anna, 29-10-2010. É como está a dedicatória do meu exemplar de Solfejos de Eros, da poeta Anna Amélia Apolinário. Não lembro onde foi que conheci a Anna, mas sei já faz muito tempo. Fico em dúvida se foi no Centro Histórico ou em uma noite dessas em que a gente esteve conversando e bebendo lá pelo Busto de Tamandaré, na praia de Tambaú. O que não tenho dúvida é sobre os poemas dela: eles, como ela, respiram ares noturnos, o clima quente e embriagante de Eros – deus grego do amor, motivo de canções e loucuras. Exemplo disso é o trecho de um poema de Sylvia Plath, que ela cita na página 07, depois da dedicatória que faz a Esaú e Sophia, marido e filha:

Dentro de mim mora um grito.
De noite ele sai com suas garras, à caça
De algo para amar.

Temas noturnos, poesia à meia-luz, erotizada. A palavra “noite” é recorrente – usada doze vezes em 39 poemas distintos – e, personificada, aparece quase sempre com “N” maiúsculo, como se fosse uma entidade. Fora o substantivo feminino, direto, há as derivações, consequentes: anoitecer, madrugada, noturno, notívagos, estrelas, lua, crepúsculo,

vespertina, sonhar, aurora, etc. “Aurora”, aliás, é o título que ela dá a um poema, que diz:

Olhos abrasadores
Incinerando um céu de safiras
O mar veste o fulgor da lua
Rosa iridescente na areia adormecida

Vênus avança feito Ondina
Arrastando estrelas em seu vestido vaporoso
Madrepérola em carruagem de neblina
Dança de corpos enomorados no declive
Uma pequena mácula de vinho
Maná para os famintos notívagos.

A noite é anfitriã da poesia, e dos poetas: insones e embriagados. E a embriaguez pode ser com vinho, com vodka, ou com a poesia mesmo, ou isso tudo junto. Nas vezes em que estive com Anna, também a vodka e o vinho eram presentes. E é por isso que a sua poesia tem a cara embriagada de Dionísio, em cenas oníricas, como nas pinturas de Dalí – que é citado no poema “Palavra de Pandora”. Já em “Rosa na redoma”: “A Noite queima em minhas veias / Enquanto encho essa taça...”, e em “Ascensão”, a primeira frase acusa que “A Noite encheu todo meu cálice...” E ele permanece cheio pelos demais poemas, como em “Sylvia queima”: “Vênus da alcova, Sífide messalina / Viciada em adesivos de nicotina / Insone & neurastênica, dopada e deprimida / Permita-me lambe-la sua iconoclastia...”. Noite, surrealismo, embriaguez.

Boêmios, poetas e românticos em geral, têm predileções pela noite, pelo álcool e por mulheres, ou homens. Paul Veyne, em *L’Élegie érotique romaine – l’amour, la poésie et l’occident*, de 1983, transcreve o famoso epitáfio de Rabelais, atribuído a Pierre de

Ronsard:

O bom Rabelais que bebia
Sempre enquanto vivia;
Nunca o sol o viu
Mesmo que fosse pela manhã, que não tivesse bebido
E a noite escura
Mesmo que fosse tarde, jamais o viu sem beber.

Com menor intensidade que a do velho Rabelais, naturalmente, Anna Apolinário uma poeta beat erotizada, cifrando a imagem na palavra: “[...] vem ter comigo. / Ai de mim que não sou poeta! / [...] um Blues muito lascivo.” Também as falas sóbrias e formais, “deixa-me”, “traz-me” – que Anna entende perfeitamente –, são substituídas pelas informais, ébrias e apelantes: “me deixa”, “me traz”. Tudo fica assim, perto da realidade mesmo da vida noturna, e da intimidade que a penumbra e o álcool têm. Um delírio, um belíssimo delírio, um solfejo de Eros.

Antonio Patativa de Sales é graduado em Filosofia, com mestrado em História da Filosofia (UEPB). Doutor em Teologia (EST-IEPG), na área de Filosofia da Religião, com especialidade em Filosofia Antiga, Patrística e Medieval. Professor de Filosofia, na UEPB-CG, Patativa Moog também é escritor de despropósitos e toca em uma banda \”alternativa (@MadalenaMoog), que é onde solta as suas bruxas e faz, do tédio, samba.

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/solfejo-de-eros-poesia-noturna>